

# FRACASSO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE SUAS REPERCUSSÕES NA VIDA DO ESTUDANTE

Renata Maria Coimbra LIBÓRIO<sup>1</sup>

**RESUMO:** O fracasso escolar ainda é um fenômeno bastante presente na realidade brasileira que exclui grande parte de nossa população da escola, impedindo seu acesso aos conhecimentos construídos socialmente. Durante muito tempo, os profissionais da educação, em especial o psicólogo escolar, compreendiam as causas do fracasso escolar como sendo de responsabilidade da própria criança ou sua família, esses considerados privados culturalmente, o que impossibilitaria a aprendizagem das crianças. Discute-se, no presente artigo, a existência de mitos e preconceitos no cotidiano escolar, o qual dificulta ainda mais a permanência na escola das crianças vindas da classe menos favorecida economicamente. Ressalta-se o prejuízo que o fracasso escolar acarreta na auto-imagem dessas crianças como sendo uma de suas mais perversas repercussões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fracasso Escolar; Psicólogo Escolar; Profissionais da Educação; Intervenção; Preconceito.

## ABSTRACT: SCHOOL FAILURE: CONSIDERATIONS ABOUT ITS REPERCUSSIONS ON STUDENT'S LIFE

The school failure is still a very present phenomenon in Brazilian reality, which excludes a great part of our population from school, avoiding its access to the knowledge that was socially built. For a long time, the professionals of education, mainly the school psychologist, attributed the causes of school failure as being a responsibility of the child itself or of its family, which were considered culturally deprived, what would make impossible these children's learning. It is discussed, in this paper, the existence of myths and prejudices in school quotidian which makes still more difficult the permanence in school of the children that comes from the low income socio economic classes. It is pointed out the damage that school failure causes in the self image of the children as being one of its most perverse repercussions.

**KEY-WORDS:** School Failure; School Psychologist; Professionals of Education; Intervention; Prejudices.

## FRACASSO ESCOLAR: UM FENÔMENO HISTÓRICO

Fracasso escolar é fenômeno ainda bastante presente no sistema educacional brasileiro. Grande parcela da população em idade escolar encontra-se excluída da escola, ou lá permanece com um certo sofrimento, vivendo as marcas de constantes processos de repetência.

Esse tema, recorrente nos meios acadêmicos e científicos brasileiros, vem sendo estudado, aproximadamente, desde a década de 30, no Brasil.

Que panorama temos hoje? Como caminharam as pesquisas? Como o fracasso escolar vem sendo abordado? Que compreensão se tem sobre esse drama vivido por um grande contingente de crianças provenientes de família de

baixa renda? Por que um massacre tão grande e um desperdício imenso de inúmeras capacidades? Por que esse quadro nunca foi alterado? Essas são questões que nos instigam a pensar.

Ao fazer um estudo sobre as raízes históricas do fracasso escolar, Patto (1991) mostra-nos como as explicações sobre o fracasso escolar se encontram diretamente relacionadas com o modo capitalista de compreender a realidade e, de certa forma, o discurso sobre fracasso escolar perpetua a situação de dominação sofrida pelas famílias pobres.

Patto esclarece-nos sobre a dimensão política envolvida na abordagem dos problemas educacionais, onde fica patente o interesse em favor das classes dominantes.

<sup>1</sup> Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

Como se foi construindo a compreensão sobre o fracasso escolar?

Gostaria de centrar-me mais no caso brasileiro, sem, contudo, perder de vista que, fazendo parte das raízes do pensamento sobre o fracasso escolar das crianças, esta presente uma concepção e visão de mundo burguesas, que, desde a Revolução Francesa e Industrial, apontava o fato de que os indivíduos bem sucedidos teriam conseguido sucesso por habilidade ou mérito pessoal, desconsiderando todo um contexto social onde os mesmos se encontravam inseridos, bem como os interesses de classe.

Dentro de tal concepção, a crença era que o "sucesso dependia totalmente do indivíduo" (Patto, 1991, p. 20), que trazia, como contrapartida, a idéia de que a divisão das classes sociais (em superiores e inferiores) teria, como explicação, o talento de cada um. Essa concepção, de acordo com Patto, dá subsídios para compreender os caminhos percorridos pela Psicologia, em suas tentativas de explicar o fracasso escolar.

Não podemos deixar de considerar, também, a emergência das avaliações psicológicas, com ênfase nas preocupações psicométricas, aliada à intensificação de teorias racistas na Europa, que, embora tenham origem após a revolução burguesa, atingiram um grande prestígio entre 1850 e 1930, influenciando, nesse período, educadores brasileiros.

No cume destas teorias, havia a tendência de se atribuir à pobreza uma inferioridade inata e buscava-se, através de comprovação científica, provar tal inferioridade, principalmente dos pobres e não-brancos. Nas sociedades capitalistas, o racismo acabou tornando-se uma forma de explicar as diferenças entre classes sociais, como se os indivíduos de classe popular e negros não pudessem transformar suas condições de vida, devido à sua inferioridade racial.

Com relação à elaboração dos testes psicológicos, os mesmos buscavam medir a capacidade intelectual e comprovar a determinação hereditária das capacidades humanas.

Podemos nos perguntar o que isto tem a ver com o fracasso escolar? Encontramos relações entre essas questões e a problemática do fracasso escolar, sobretudo nas teorias apoiadas na Psicologia ou Sociologia, que buscam localizar, em deficiências individuais ou na carência da família das crianças, as causas deste fenômeno.

Além disso, podemos perceber que os testes elaborados pela Psicologia acabaram contribuindo para a manutenção de uma visão de mundo, onde os ricos seriam considerados como superiores aos indivíduos pertencentes à classe mais empobrecida, na medida em que os resultados dos testes de inteligência favoreciam os mais ricos, intensificando a idéia de que os sujeitos mais capazes ocupavam os melhores espaços sociais.

Os testes psicológicos, que apontavam para esses caminhos, acabaram tendo uma certa repercussão nos meios científicos e sociais, porque, fortaleciam, justamente, as crenças enraizadas na sociedade.

Por que essas questões me inquietam como profissional da área da Psicologia? A razão para isto é que a Psicologia foi uma das áreas que, historicamente, muito contribuiu ao processo de estigmatização e rotulação das crianças provenientes de famílias de baixa renda, não só devido a suas preocupações com testes, mas, também, por sua contribuição às práticas de psicologização das dificuldades de aprendizagem que, embora tenham tido grande destaque nas décadas de 30 e 40, devido à influência de conceitos psicanalíticos, infelizmente continua tendo uma certa expressão até nossos dias, tanto o nível da prática dos psicólogos, quanto influenciando na formação dos profissionais de psicologia.

Embasada em que faço tais colocações?

## REFLEXÕES A PARTIR DE NOSSA EXPERIÊNCIA

Nos anos de 1990 e 1993, dei aulas e ministrei palestras na disciplina de PEPA<sup>2</sup> na UNOESTE, Universidade existente em Presidente Prudente, onde resido. Nesses trabalhos, elaborei uma proposta de intervenção junto aos alunos de 4º ano do Curso de Psicologia, no sentido de colher informações quanto à suas concepções a respeito dos fatores responsáveis pelo fracasso escolar.<sup>3</sup>

Além disso, fiz um levantamento junto à Clínica dessa Universidade e me deparei com o seguinte quadro: um grande número de crianças encaminhadas pelos professores e diretores de escolas públicas com queixa de problemas de aprendizagem.

O que mais acabou surpreendendo-me foram dois aspectos: 1º) a grande maioria dos alunos, em 1993, ainda apresentavam uma grande tendência a apontar fatores extra-escolares como responsáveis pelo mau desempenho escolar das crianças, centrando nelas e em suas famílias, a culpa pela não aprendizagem da criança (apresentando, inclusive, certos mitos apontados por Souza (1989); 2º) a inexistência de práticas de intervenção junto às escolas, de onde provinham as crianças, havendo ênfase em práticas clínicas, onde prevaleciam entrevistas para realizar psicodiagnósticos e anamnese com as mães. Nelas geralmente se propunha um atendimento clínico à criança e orientação à família. Tal prática

<sup>2</sup> Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem.

<sup>3</sup> Esse trabalho intitulado de "A queixa escolar do ponto de vista dos alunos do 4º ano de Psicologia" foi elaborado como requisito para a avaliação do Curso "Contribuições da Psicologia para a compreensão da queixa escolar", ministrado na USP pelos psicólogos do Departamento de Psicologia Escolar.

reforçava, ainda mais, a concepção dos alunos que responsabiliza a criança como culpada pelo fracasso, prevalecendo a psicologização dos problemas de aprendizagem e desconsiderando a dimensão social e política da questão.

Essa postura da Psicologia foi criticada por Patto (1984) e retirando-a faço uma discussão sobre essas questões em minha dissertação de mestrado (1997), na qual busco questionar e redimensionar minha prática profissional, enquanto psicóloga escolar.

Concluo que não se pode desvincular todos esses pontos de seu contexto histórico. A concepção de fracasso escolar tem uma história remota em nosso país.

Voltamo-nos às pesquisas realizadas no Brasil, na tentativa de compreender melhor como vem sendo explicado o fracasso escolar nesse país. Remeter-me-ei novamente a Patto (1991) para levantar algumas suposições.

Primeiramente, poderíamos pensar sobre como se desenvolveram, em nosso país, as idéias sobre a natureza humana e do brasileiro e verificar, num segundo momento, sobre como essa compreensão teve repercussões no pensamento educacional, mais especificamente no que se refere às pesquisas referentes ao processo de escolarização das crianças de baixa renda.

Para os fins aqui propostos, acredito ser possível voltarmos a nossa atenção para o 2º ponto citado acima, pois uma explicação bastante esclarecedora e completa pode ser encontrada em Patto (1991), a tal respeito.

Com relação à produção científica, pode-se perceber, a partir do levantamento feito por Gouveia citado por Patto, (1991), as temáticas predominantes nas pesquisas educacionais.

É apontado por essa autora que, de 1938 a 1956, houve predominância de estudos psicopedagógicos voltados ao processo de ensino-aprendizagem, os quais alertavam para questões relacionadas a problemas na instituição escolar. Essa perspectiva entretanto, não teve tanta repercussão e nem expressão no cenário educacional por questões políticas, por não ser interessante para a sociedade se pensar na responsabilidade da escola pelo fracasso das crianças pobres.

De 1965 a 1970 observa-se, tanto nas Universidades como na produção científica de psicólogos e pedagogos, uma preocupação muito grande com a elaboração de "instrumentos de medida psicológica, especialmente de habilidades específicas, tendo em vista aplicá-los no esclarecimento das causas de dificuldades de aprendizagem escolar" (Patto, 1991, p. 109).

Entre os anos de 1956 e 1964, as pesquisas passaram a enfatizar a presença de uma alta correlação positiva entre classe social e escolaridade. De acordo com Patto, a teoria da carência cultural entrou muito facilmente em nosso

país (na década de 70) e passou a fazer parte das pesquisas e discursos educacionais. Em nosso país, "tradicionalmente, as causas do fracasso escolar foram localizadas em características bio-psico sociais do aprendiz" (Patto, 1991, p. 109), essas idéias se inseriram no contexto de uma visão funcionalista da vida social.

Nessa época, os pesquisadores brasileiros, embasavam-se na Teoria da Carência Cultural, que, em sua essência, pregava que a dificuldade das crianças de classe popular em terem um bom rendimento na escola se devia a "déficits" individuais. Devido à inexistência de estímulos adequados para o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, novamente associado ao ambiente pobre em que vivia, passaram a preocupar-se, por volta de 1970 a 1976, com a verificação das características dos alunos e do meio de que provêm, bem como a elaborar currículos e programas que julgavam mais apropriados ao perfil das crianças de baixa renda que eles vinham encontrando.

Embora alguns autores já não falassem mais de "déficits" presentes nas crianças pobres, mas sim de que haveria diferentes culturas, percebe-se que mudou um pouco o discurso, mas foi mantida a idéia central, ou seja, o preconceito contra as crianças e famílias das classes sócio econômicas menos favorecidas.

Considerando-se, então, que essas crianças e seu meio por serem diferentes e por isto não acompanhavam as atividades escolares, fica clara, novamente, a ênfase a fatores extra-escolares como sendo responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem. Assim, se buscavam, na família e nas crianças, os determinantes do fracasso escolar.

Dessa forma, as pesquisas feitas nessa época, com respeito a essas questões, mostravam que os pontos abaixo respondiam pelo baixo rendimento da criança:

- inserção precoce da criança no mercado de trabalho;
- baixa frequência de pais às reuniões da escola;
- falta de interesse dos pais, com relação às tarefas escolares de seus filhos;
- autoritarismo dos pais; e
- poucos hábitos de leitura em casa.

O único fator "intra-escolar" apontado nessa época como respondendo pelo grande fracasso escolar era a incapacidade de as escolas adaptarem seu conteúdo, baseado em "padrões culturais elevados", para a subcultura apresentada pelos alunos. A escola deveria levar em conta a realidade "inferior" do aluno marginalizado culturalmente.

Portanto, os fatores intra-escolares e a crítica ao sistema de ensino ficaram em segundo plano, sendo superados, com facilidade, pelo

discurso que pregava que a principal causa do fracasso se localizava na criança.

Alguns programas elaborados nessa época, que incluíam a capacitação dos professores, deixavam transparecer a necessidade de a escola se adaptar, no sentido de conseguir atender o aluno "despreparado".

Entretanto, as pesquisas corroboravam resultados que apontavam para um atraso no desenvolvimento e falta de habilidade das crianças de baixa renda sendo muito convincentes, pois "confirmavam, cientificamente, o que o senso comum dizia sobre essas crianças e seu ambiente familiar" (Patto, 1991, p. 113).

Essa ênfase nas condições da criança, como impossibilitando sua aprendizagem, era tão grande que, mesmo quando eram apontados fatores graves sobre a realidade de ensino, como problemas na formação dos professores, a crença sobre a incapacidade da criança não sofria questionamentos.

Entretanto, o próprio fato de, em algumas pesquisas, serem apontados problemas no sistema de ensino nos mostra que foi reiniciada, nas pesquisas educacionais, uma preocupação, quanto às condições do ensino, que se deu basicamente na passagem da década de setenta para os anos oitenta.

Tal mudança foi possível, pelo fato de terem ocorrido transformações nos referenciais teóricos, os quais postulavam uma nova concepção de escola, inserida numa sociedade dividida em classes sociais.

A introdução das teorias crítico-reprodutivas no meio educacional brasileiro promoveu modificações nas pesquisas sobre o fracasso escolar.

Autores, como Althusser e Bourdieu, trouxeram uma nova perspectiva: compreender o papel da escola, partindo de uma concepção crítica de sociedade, permitindo situar a análise das instituições sociais, como a escola, enquanto um lugar onde se exerce a dominação cultural.

De acordo com esta teoria, na escola, seriam reproduzidas as relações de exploração "pela veiculação de conteúdos ideologicamente viesados e do privilégio de estilos de pensamento e de linguagem característicos dos integrantes das classes dominantes, o que faria do sistema de ensino instrumento a serviço da manutenção dos privilégios educacionais e profissionais dos que detêm o poder econômico e o capital cultural" (Patto, 1991, p. 114).

Embora tenha sido muito importante a introdução da teoria crítico-reprodutivista no nosso meio educacional, a apropriação da mesma, no que se refere às pesquisas sobre o fracasso escolar, se deu mediante distorções conceituais, decorrentes, provavelmente, devido à sua coexistência com a forte teoria da carência cultural e da concepção positivista, quanto à produção

científica.

O importante conceito de dominação, trazido por esta nova abordagem foi descaracterizado de seu sentido crítico, sendo visto de maneira histórica, ficando compreendido como: "um desencontro entre dois segmentos culturais distintos, que resultava na segregação dos grupos e de classes mais pobres, supostamente portadoras de padrões culturais completamente diferentes dos padrões da classe média" (Patto, 1991, p. 114).

Foi havendo uma interpretação funcionalista da concepção crítico-reprodutivista, sendo que, nas pesquisas que se propunham utilizá-la, havia omissão de um questionamento sobre a existência de relações de produção baseadas na exploração e de classes antagônicas, possuindo interesses opostos.

Embora não fosse esta a intenção, esta nova perspectiva pouco contribuiu para uma mudança de concepção sobre o fracasso escolar, pois a produção do fracasso continuava sendo vista como em função de a escola estar inadequada frente à criança carente ou diferente. Ou seja, novamente a criança pobre era vista como possuindo "déficits".

Entretanto, percebe-se que a teoria crítico-reprodutivista deixou suas marcas no pensamento educacional, principalmente no que se refere a três questões: 1<sup>o</sup>) passou-se a dar atenção à relação professor-aluno, portanto, à dimensão psico-social do processo de ensino-aprendizagem; 2<sup>o</sup>) a dominação e a discriminação social presentes no sistema educacional passou a ser foco de atenção; 3<sup>o</sup>) abriu caminhos para que a educação escolar pudesse ser pensada dentro da concepção dialética da totalidade social.

Embora tenha havido contribuições desta teoria para o entendimento de questões educacionais, veremos, em seguida, que algumas teses reprodutivistas foram negadas.

## NOVAS TENDÊNCIAS NA COMPREENSÃO DO FRACASSO ESCOLAR

Com relação à concepção do fracasso escolar, que, durante muitos anos, foi compreendido como sendo de responsabilidade da criança ou de sua família de baixa renda, enquanto eram ignorados os fatores intra-escolares como seus determinantes, uma data importante marca a introdução de questionamentos sobre a participação do sistema escolar no processo do fracasso escolar.

Esse período, que trouxe mudanças no enfoque, iniciou-se em 1977, (portanto, há 20 anos atrás), quando um grupo de pesquisadores da Fundação Carlos Chagas passou a investigar o próprio sistema escolar, no sentido de verificar a contribuição desse ao fracasso das crianças.

Esse trabalho inicial impulsionou pesquisas posteriores que passaram a investigar

mais detalhadamente os mecanismos intra-escolares seletivos e aspectos da dinâmica interna da escola.

Essa nova forma de compreensão do fracasso escolar trouxe rupturas tanto no aspecto temático como no político. Do ponto de vista temático, a mudança veio por conta da atenção que passou a ser dada na instituição escolar, aos fatores intra-escolares como determinantes do fracasso escolar. Quanto à ruptura política, a mesma se efetuou através da superação da concepção liberal sobre o papel da escola (onde essa era vista como "na vanguarda de mudanças sociais") e também devido à negação da tese reprodutivista que, "ao atribuir à escola um lugar meramente mantenedor da ordem social vigente, resultou numa dificuldade de percepção de seu papel transformador da estrutura social em vigor" (Patto, 1991, p. 119).

A escola deixa de ser vista não só como reprodutora da ideologia dominante mas também como um espaço próprio onde transformações podem ser efetuadas. Os conhecimentos trabalhados pela escola passam a ser revalorizados como importantes instrumentos, ou seja, a socialização do saber historicamente construído é considerada imprescindível na luta do povo por seus interesses de classe.

Patto aponta que, embora tenha havido importantes rupturas neste período, com a ênfase quanto ao estudo de fatores intra-escolares (onde era apontada a não qualidade de ensino oferecido às crianças) o discurso educacional mantinha suas concepções, sendo a escola vista como inadequada à clientela de baixa renda.

Explicações sobre a má qualidade de ensino passaram a conviver com explicações sobre fatores externos, como problemas que as crianças pobres teriam, que estariam dificultando sua aprendizagem.

A autora mostra que, apesar de algumas mudanças, o discurso sobre as crianças de baixa renda, a principal clientela da escola pública, permaneceu inalterado.

Pode-se perceber que grande parte da literatura, quanto a pesquisas educacionais, mostra que os educadores têm, ainda, muitos estereótipos e preconceitos sociais, quanto a famílias de baixa renda.

De acordo com Patto (1991), em textos e pesquisas recentes, produzidos após as rupturas teórica e política, continuam a existir três fortes tendências, que são as seguintes: 1º) "As dificuldades de aprendizagem escolar da criança pobre decorrem de suas condições de vida". Dentro dessa perspectiva, coloca-se que a criança pobre não consegue aprender na escola, devido a deficiências individuais. 2º) "A escola pública é uma escola adequada às crianças de classe média e o professor tende a agir, em sala de aula, tendo, em mente, um aluno ideal" (p. 123). 3º) "Os professores não entendem ou discriminam seus alunos de classe baixa por terem pouca

sensibilidade e grande falta de conhecimento a respeito dos padrões culturais dos alunos pobres, em função de sua condição de classe média" (p. 125).

Embora Patto tenha feito seu estudo aproximadamente em 1984, sou levada a pensar que pouca coisa se tenha modificado no cenário educacional, principalmente no que se refere a questões de ordem prática.

Percebe-se que, além de Patto, outros autores, como Souza et al (1989) e Collares & Moysés (1996), são representantes de correntes teóricas que vêm buscando, cada vez mais, romper com práticas estigmatizadoras na escola pública e têm apresentado contribuições muito importantes, na tentativa de superação dos preconceitos e mitos ainda presentes na escola.

Gostaria de pontuar que minha postura e, portanto, minha compreensão sobre o fracasso escolar se fundamenta na visão de que a precariedade do sistema escolar é a grande responsável pela produção de inabilidades nas crianças provenientes de famílias de baixa renda. Mas, ainda consigo ver a instituição escolar como um lugar, um espaço possível de reflexão por parte dos educadores, de forma que possamos levá-los a um questionamento sobre práticas escolares, orientando-os na conscientização dos problemas educacionais; e, dessa forma, a romperem com práticas cristalizadoras que só rotulam e estigmatizam as crianças pobres. A escola deve ser vista como um local que ainda propicia a aquisição de conhecimentos privilegiados em nossa sociedade, e que, portanto, pode possibilitar condições para enfrentar uma luta por seus interesses de classe.

Acredito que os pesquisadores da área educacional devam trabalhar no sentido de superar concepções que culpabilizam indivíduos isoladamente, pelo fracasso escolar, e olhar com mais atenção para o cotidiano escolar, para os mecanismos estabelecidos na escola e para os discursos e representações que os educadores têm sobre seu trabalho e seus alunos.

Ao se pensar no fracasso escolar, o mesmo não deve ser compreendido de forma isolada, mas deve ser encarado como fazendo parte de um contexto social maior, onde são construídos os preconceitos e estereótipos sobre as crianças pobres e suas famílias e onde eles são vistos como seres inferiores e incapazes.

Devemos realizar, enquanto psicólogo escolar e/ou profissionais da educação que atuam tanto dentro como fora de sala de aula, pesquisas e intervenções que visem a romper com uma concepção de fracasso que culpabiliza suas maiores vítimas.

Uma outra preocupação que deve guiar futuros projetos de intervenção dos profissionais da educação que visam transformação neste quadro atual do fracasso escolar é estudar as repercussões do fracasso escolar na vida das pessoas que foram excluídas do sistema escolar,

que se mostra tão incompetente na sua tarefa de promover a socialização do saber construído historicamente.

Através das leituras que realizei<sup>4</sup> de alguns livros e textos percebi que minhas preocupações quanto à existência de um sistema escolar tão precário e quanto a um sistema de crenças ou mitos que acabam massacrando e estigmatizando, cada vez mais, as crianças pobres, são parecidas com as colocações feitas pelos mesmos; em função disto, sou levada a pensar em uma identificação com tais autores.

## REPERCUSSÕES DO FRACASSO ESCOLAR NA VIDA DO ESTUDANTE

Nas leituras que realizei a esse respeito, observa-se que há uma preocupação na literatura sobre essas questões. Tal preocupação é expressa por Collares & Moysés (1996) que, em sua pesquisa para estudar os preconceitos presentes no cotidiano escolar, e ao deparar-se com as crianças estigmatizadas, entraram em contato com o peso do estigma em todos os setores da vida dessas crianças.

Segundo as autoras, "a criança incorpora/resiste ao estigma em toda sua vida, não apenas em fragmentos, como vida na escola..." (p.224).

As repercussões do fracasso escolar na vida da criança são muito sérias, e as autoras citadas falam sobre isto com um certo sofrimento. Gostaria de ilustrar, com suas falas, como se repercutem na vida, na auto-imagem das crianças, o processo de estigmatização que vivem:

- "elas (as crianças) sofrem, incorporam a incapacidade, a doença. Consideram-se pouco ou nada inteligentes, porque não sabem ler" (p. 226);
- "expropriados de sua normalidade, bloqueiam-se" (p. 226);
- "crianças normais que, com o passar do tempo, se vão tornando doentes" (p. 226);

<sup>4</sup> PATTO, M.H.S. "A produção do fracasso escolar". São Paulo, SP: T. A. Queiroz, 1991.

"Introdução à psicologia escolar". São Paulo, SP: T. A. Queiroz, 1986.

"Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar". São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. SOUZA, M.P.R.; SOUZA, D.T.R.; MACHADO, A. M.; FRELLER, C.C. e SOUZA, B.P. "A questão do rendimento escolar - mitos e preconceitos". Serviços de Psicologia Escolar, USP: 1989.

SOUZA, M.P.R. e MACHADO, A. M. (orgs) "Psicologia escolar: em busca de novos rumos". São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. (coleção psicologia e educação).

COLLARES, C. A. L. e MOYSÉS, M. A. "Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização". São Paulo: Cortez: Campinas: UNICAMP. Faculdade de Educação/Faculdade de Ciências Médicas, 1996.

- "na maioria (das crianças), predomina a introjeção do rótulo, do estigma" (p. 227).

Há trabalhos, também, mostrando a trajetória das crianças excluídas na escola e eu acredito que nós, profissionais da educação poderíamos contribuir com estudos que averiguassem as repercussões do fracasso escolar, além dos muros da escola, incorporando a essas pesquisas a perspectiva do adulto que passou, na infância ou adolescência, pelo fracasso escolar.

Acredito ser fundamental estudarmos esta questão, pois pode contribuir muito à nossa compreensão do fracasso escolar, pelo fato de nós estarmos atentos principalmente ao ponto de vista do sujeito que passou por essa situação.

Vale ressaltar, como lembra Patto (1991), que na grande parte da literatura sobre fracasso escolar, os pesquisadores deixam de ouvir justamente os alunos; são entrevistados diretores, professores, funcionários, pais; mas é deixado de lado o sujeito central neste contexto que é o aluno. Este foi sempre o menos ouvido.

Gostaria de citar alguns trabalhos em que já aparecem a preocupação com ouvir o aluno e estudar as repercussões do fracasso em sua vida, mas que estão mais voltados à própria criança ou ao adolescente, que ainda estão inseridos no contexto escolar.

Uma dessas pesquisas foi feita por Kalmus e Paparelli, e é apresentada no livro "Psicologia Escolar: em busca de novos rumos" (1997) de Souza e Machado (Orgs.).

Esta pesquisa teve o objetivo de estudar as repercussões do fracasso escolar na vida de crianças reprovadas, através da convivência com quatro crianças portadoras de queixa escolar.

Através de contatos individuais e em grupo com essas crianças, nos quais as autoras buscavam apreender as representações que as crianças tinham do fracasso escolar, através da criação de espaços diferenciados na escola, onde as crianças pudessem expressar espontaneamente sua história de vida e sua trajetória escolar, as mesmas chegaram a uma conclusão importante: crianças possuindo uma auto-imagem e uma concepção de escola altamente negativas.

Outros dados encontrados nos mostram que, diferentemente do que a escola fala sobre essas crianças, elas se apresentam como inteligentes, curiosas, criativas, quando se encontram em interação com as pesquisadoras, tanto na escola como em seu bairro.

Apesar de observarem esse aspecto, as autoras afirmam que há sérias conseqüências do fracasso escolar na "subjetividade das crianças reprovadas e de suas famílias, mostrando que tais implicações ultrapassam as cadernetas escolares e os muros da escola" (Kalmus e Paparelli in Souza e Marcondes, 1997, p. 179).

O ponto que realmente chama a atenção é a presença de uma auto-imagem bastante negativa, que se expressa diferentemente em cada criança, através de comportamentos, como timidez, desconfiança e tristeza. Além disso, as crianças se percebem como burras, incapazes, ao mesmo tempo em que mantêm o desejo de ir bem na escola. Esse fator nos mostra a importância de os profissionais da educação acreditarem na possibilidade de promover transformações na escola, através do resgate dos aspectos positivos presentes nessas crianças, paralelamente ao desenvolvimento de um trabalho de conscientização junto aos professores, para que esses possam rever sua prática em sala de aula.

As implicações do fracasso escolar não se restringem a crianças em si, pois há repercussão também na família, onde a mesma acaba sendo convencida, muitas vezes, pela escola, da incapacidade que ela caracteriza como sendo da criança.

Há uma outra pesquisa que também caminha no sentido de compreender as repercussões do fracasso escolar nas crianças. Nessa pesquisa, Cruz (1990) acompanha o trajeto da representação da escola em crianças pobres no decorrer do seu primeiro ano de escolaridade.

Cruz, ao analisar as informações coletadas em sua pesquisa, chegou a questões que também foram apontadas por Kalmus e Peparilli. A autora observou que as representações das crianças evoluem negativamente.

No início da escolarização, as crianças têm grandes expectativas quanto à escola e a percebem como sendo um lugar onde vão aprender coisas importantes (como alfabetização), onde irão brincar e encontrar novos colegas. Ao mesmo tempo em que aparecem essas representações positivas, emerge, também, o medo de castigos e repreensões.

A autora observou que as expectativas positivas das crianças vão decrescendo durante a passagem do primeiro ano letivo, e as negativas vão se acentuando. Portanto, essas transformações vão ocorrendo, a partir da experiência concreta das crianças na escola, onde, muitas vezes, elas são expostas a situações de discriminação por parte do professor.

Essas situações acarretam, nas crianças, um sentimento de abandono na escola, encarando-a como um ambiente ameaçador, ao mesmo tempo em que gera insegurança, devido à ameaça constante de expulsão. Esse intenso sentimento

surge devido à "incapacidade" da criança em aprender e à presença de comportamentos "inadequados".

Cruz (1990) aponta que um dos aspectos mais marcantes com o qual se deparou foi a postura do professor, suas atitudes recriminatórias, onde estavam presentes constantes ataques à auto-estima das crianças.

As recriminações do professor referiam-se tanto às crianças como às suas famílias e estas apareciam, às vezes, explicitamente em comentários do professor, que as avaliavam como sujas, desleixadas e mal-comportadas e suas famílias caracterizadas como displicentes e inadequadas.

Percebemos como, nesta pesquisa, aparece, de forma intensa, a visão preconceituosa do professor.

Somos levados a concluir, junto com a autora, que uma situação como esta, quando o professor não acredita na potencialidade de seus alunos e atribui à criança ou à sua família de baixa renda a responsabilidade pelas suas dificuldades, as crianças estão submersas num ambiente hostil, é impossibilitada a formação de uma auto-estima positiva.

Ou seja, há uma marca do fracasso escolar também na subjetividade da pessoa.

## CONCLUSÃO

A leitura dos trabalhos apresentados remete-me novamente à minha preocupação central: como ficam essas repercussões do fracasso escolar no adulto que passou por esse processo?

Gostaria de chegar a essa compreensão.

Vale ressaltar, para finalizar, que, apesar de haver professores que influenciam negativamente seus alunos, não são todos que assumem atitudes recriminatórias.

Entretanto, como bem lembra Cruz, o fato de convivemos com tamanhos índices de evasão e repetência nos mostra que, certamente, o que ocorre com as crianças participantes dessas pesquisas não é muito diferente do que ocorre na vida escolar de tantas outras crianças brasileiras.

A relevância de um trabalho sobre fracasso escolar emerge só ao pensarmos nesses dados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLARES, C. A .L. e MOYSÉS, M. A . A .  
**Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização.** São Paulo: Cortez, 1996.
- CRUZ, S.H.V. **Representação de escola e trajetória escolar.** São Paulo: IP/USP, 1990.
- LIBÓRIO, R. M. C. **A experiência de ser coordenadora de creche: depoimentos conduzindo a uma reflexão e conscientização de uma profissional de psicologia escolar.** São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado) - USP.
- MACHADO, A. M, SOUZA, M. P. R. **As crianças excluídas da escola: um alerta para a psicologia.** São Paulo: s.n., 1992. (mimeogr.)
- PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- SOUZA, M. P. R.; MACHADO, A. M. (orgs.) **Psicologia escolar: em busca de novos rumos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997 (Coleção Psicologia e Educação).
- SOUZA, M. P. R. et al. **A questão do rendimento escolar: mitos e preconceitos** Serviços de Psicologia Escolar/USP, 1989.